

7

**Revista  
Brasileira de  
Folclore**



# Revista Brasileira de Folclore

Ano III Nº 7  
Setembro/Dezembro de 1963



Ministério da Educação e Cultura  
Campanha de Defesa do  
Folclore Brasileiro



## Folclore da alimentação

O folclore da alimentação deve ser tão variado e complexo como sua própria História.

Um tanto aflorada nas superstições alimentares, a vastidão temática compreende toda a etiqueta tradicional da mesa, o respeito, que é um vestígio religioso inapagável.

Os alimentos no túmulo resistiram até fins do século XVIII apesar das proibições eclesiásticas. Ainda guardam comida na véspera de São João, noite de 23 para 24 de junho, para o espírito do futuro noivo vir servir-se, visível em sonho. O presente de Iemanjá, atirado às águas do mar onde ela mora<sup>1</sup>, evoca a comida privativa de cada orixá no culto jêje-nagô, do Rio Gran-

de do Sul ao Recife. O cuidado nos condomblés, macumbas, xangôs, catimbós no resguardo aos restos de alimentos, armas terríveis no poder dos inimigos, baseados na lei da participação, o **totam ex parte** indivisível, é ainda vivo nas credices populares brasileiras. Pedaco de pão mastigado é o melhor material no preparo do feitiço amoroso.

Sentar-se à mesa sem armas é uma herança imemorial. Quando o rei D. João I de Portugal encontrou-se em Ponte da Barca com o duque de Lancastre, João de Gand, seu futuro sogro, cumpriu o preceito. E **ally sedesarmarão e asentaramse a comer ambos**, informa Fernão Lopes (*Crônica de D. João I*, XCI. Fins do século XIV). **O sertanejo nortista não se senta armado à mesa de refeição**, regista o sr. Francisco de Assis Iglésias, observando homens do Maranhão e Piauí. Idênticamente, em todo o nordeste (Finais do século XX).

O repúdio pela nudez. Comer despiado é ofender o Anjo da Guarda. Comer com o chapéu na cabeça é comer com o Diabo. Quando cai comida no chão, da boca ou do garfo, é sinal de parente **passando necessidade**. Não se levanta comida do solo porque é das almas. Vinho derramado é alegria. Sal derramado é agouro. Donzela não serve sal, não corta galinha nem **passa palitos**. Recebe-se o prato com a mão direita e devolve-se com a esquerda. A direita é de bênção para o prato cheio. A esquerda é maldição para o prato vazio. Beber sobejos é ficar sabendo os segredos de quem deixou.

1

Os bantos têm, naturalmente, seres sobrenaturais que recebem ofertas sob as águas marítimas ou fluviais, onde moram. Em Angola, Klanda é festejada em Luanda, como em Axi-Luanda, e ilhas, jogando os prêtos alimentos e objetos de culto nos locais indicados como residência da deusa Kianda, Kiximbi em Mbaca, Kituta no rio Cuanza e no vale de Lucala. Inútil lembrar a antiguidade e universalidade desses ritos. No centro de Roma ainda atiram hoje moedas de prata nas fontes públicas, como faziam no lago Curtius no tempo do imperador Augusto (Suetônio, *Augustus*, LVII). Rara seria a fonte européia onde não encontraram vasos votivos, moedas, ex-votos. Creio que essa forma é anterior à construção dos templos nas margens.

Terminando refeição amiga deixa-se o guardanapo aberto para o convidado voltar. Deve deixar-se um pouquinho de comida no prato. É a **cerimônia**. Não se joga pão fora. É corpo de Deus. Antes de findar o repasto não se cruza o talher. Agouro. Farinha no chão é prenúncio de fartura. Engasgar-se com saliva é sinal de fome-velha. Das aves o pedaço de honra é o uropígio, oferecido ao homenageado. Enquanto se come, evita-se dizer **nome feio** para não desrespeitar o Anjo da Guarda que assiste o comer dos cristãos. Mulher não deve beber vinho primeiro do que os homens. Mesmo que haja pessoa de respeito à mesa, o primeiro pedaço é dado ao dono da casa para não desejar sua morte. Se êle recusar, o perigo passou. Donzela não deve ficar na cabeceira da mesa senão não casa. Acabada a refeição, os convivas postos nas extremidades da mesa, levantando-se, devem saudar-se para que um dêles não morra antes de findar o ano. Dezenas e dezenas de reminiscências acusam a surpreendente vitalidade dos interditos sagrados na alimentação.

Um dos mais conhecidos e vulgares na Europa e América é o tabu dos treze, evitar treze convidados na mesma mesa de refeição. A tradição sinistra do dia treze e do número treze é muito anterior ao Cristianismo. Mommsen não encontrou um só decreto em Roma datado do dia 13<sup>o</sup>. A exclusão sistemática é visivelmente deliberada. Já Hesíodo, sete século antes de Cristo, aconselhava não semear no décimo-terceiro dia. Salomon Reinach observa: **Le treizième jour du mois fût déjà évité par les anciens, en qualité de TRITHÉ de la seconde década**. Na festa em Asgard, onde morreu o deus Balder, estavam presentes, treze seres divinos. Onde o algarismo mantém seu misterioso prestígio é no número de convidados para refeições. Treze pessoas à mesa é um acontecimento desagradável. O ministro Oliveira Lima contou-me que, num jantar íntimo em Bruxe-

las, um dos convivas saiu à procura de amigo para evitar o treze ameaçador, enquanto os doze diplomatas esperavam, pacientes e compreensivos. Várias vezes tenho assistido a essa repulsa na Europa, vezes obrigando a um comensal servir-se em mesa separada. Treze pessoas na mesma refeição determinarão infelicidade para o anfitrião, sua família ou algum convidado. Dentro de um ano morrerá um dêles. Morrerá o primeiro que deixar a mesa ou o último a levantar-se. A explicação clássica é constituir uma tradição da **Ceia Larga**, na Quinta-Feira-Maior, em que Jesus Cristo reuniu os doze discípulos para a Páscoa, fazendo a derradeira refeição comum. Eram treze à mesa. Judas de Iscariotes, o traidor, foi o primeiro a deixar os companheiros e retirar-se (**João**, XIII, 30). E suicidou-se (**Mateus**, XXVII, 5). Morreu antes do Mestre. Daí em diante, numa viva recordação da tragédia divina, treze pessoas à mesa evocam o destino inevitável da Morte, atraindo o infortúnio. Os cristãos tiveram o cuidado de evitar a repetição que lembrava o doloroso evento. Criaram a devoção das **trezenas**, treze dias de orações, dedicadas notadamente a Santo Antônio de Lisboa, falecido em 13 de junho de 1231.

Leonardo Mota transcreveu os versos do nonagenário Matias Carneiro, de Limoeiro, dando suas preferências gastronômicas e estéticas:

Do açude a curimatã,  
(Diz os filhos da Candinha)  
Do campo a vaca maninha,  
Feita um frito, de manhã;  
Das ave a maracanã,  
Do home a mulher bonita,  
Do enfeite o laço de fita,  
Da moça bonita o beijo,  
Do alto sertão o queijo,  
Do milho verde a canjica.

Da desmancha a tapioca,  
Da festa a galinha cheia,  
Do gado miunça a ovêia,  
Das flôres o bogarí,  
Do mel de abelha o inxuí,  
Das noivas a que for rica,  
Das Marias a Marica,  
Da cantoria a «ligeira»,  
Do roçado a macaxeira,  
Do milho verde a canjica.

Da macambira a farinha,  
Do croatá o beiju,  
Da massa de côco o pão,  
Da mucunã o angu,  
A melhor de todas quatro:  
Croatá comido cru.

O sr. Assis Iglésias ouviu em Caxias, Maranhão, fevereiro de 1919, o cego Raimundo Leão de Sales entoando a cantiga original, e para mim única na espécie, o traje feito de alimentos, aprendida com um cearense, também cego:

Mandei fazê um liforme  
Bem feito, com perfeição,  
Mode botá na cidade  
No dia de uma enleição,  
E o qual admirô  
A toda população.

O chepêu de arroz doce,  
Forrado de tapioca.  
As fitas de alfenim  
E as fivelas de paçoca  
E a camisa de nata  
E os botões de pipóca.

A ceroula de sôro  
E a calça de coalhada,  
O cinturão de mantêga  
E o broche de carne assada,  
O sapato de pirão  
E as biqueiras de cocáda.

As meias de mingáu  
E os véus de gergelim,  
e as aspas de pão-de-ló  
E o anelão de bulim,  
As fitas de gordura  
E as luvas de toicim

O colête de banana,  
O fraque de carne frita,  
O lenço de marmê  
E o lecre de cambica,  
O colarim de bolacha  
E a gravata de tripa.

O relógio de queijo,  
A chave de rapadura,  
A caçuleta de doce  
E o trancelim de gordura.  
Quem tem um liforme dêste  
Pode julgar-se em fartura.

O sr. Iglésias explica que bulim é bôlinho, toicim, toucinho, marmê, fa-

rinha puba, farinha ferventada, **cambica** é vinho da palmeira buriti, **Mauritia vinifera**. Uniforme, roupa exterior masculina, é o **liforme**. A antiguidade dos versos denuncia-se no relógio de algibeira ter ainda chave para dar corda. E o uso do trancelim. No vocabulário usual as referências aos alimentos, como frases-feitas, locuções, imagens comparativas, exclamações de protesto e desabafo, são incontáveis e diariamente entendidas em tôdas as classes sociais. Hildegardes Vianna colecionou cento e oitenta e sete na Bahia. Edison Carneiro reuniu dúzias na cidade do Salvador. Nenhuma indagação da linguagem popular deixa de registrar numerosos exemplos em qualquer recanto do Brasil.

Trago o meu depoimento.

**Abacaxi:** desajeitado, canhestro, malamanhado. Dificuldade, problema complicado. **Descascar o abacaxi**, resolver hábilmente a situação. **Mau dançarino**. Mulher gorda, sem donaire. Denominação dos escravos enviados furtivamente de Pernambuco para o Ceará, para alforriarem-se.

**Afiambrado:** vestido com elegância, chibante, faceiro, no trinque, roupa nova.

**Água:** banalidade, vulgaridade, monotonia. **A festa foi uma água**. Falhar o plano, **deu água**. Acabou em **água de bacalhau**, diz-se em Portugal. **Água morna**, os apáticos, os neutros. **Água suja**, conflito, balbúrdia, mexericos.

**Alfinim:** maneiroso, delicado, melindroso, afetado, artificial. Amável mas fátuo ou leviano. Empregado idênticamente nos autos portugueses do século XVI.

**Angu:** complicação, chafurdo, briga, bagunça. **Angu de caroço**.

**Arrotar:** denúncia de repleção integral. «Quem bem arrotou, bem almoçou». Suetônio lembra o imperador Vitélio arrotando para provar haver jantado (**Vitellius**, VII). Ostentação. Exibicionismo. Arrotar grandeza, valência, riqueza. Comer sardinha, arrotar tainha. Faminto em casa e arrotando na rua. Arrotar o que não comeu. Tobias Barreto fala dos que comem francês e arrotam alemão.

**Arroz-dôce:** vulgar, comum, banal.

**Arroz doce de pagode:** infalível nas festas.

**Azeites:** Mau humor, zanga, capricho.

**Azeitona:** mulatinha frajola. **Morder azeitona,** gostar de beber. No **Auto da Ave Maria**, 1530, Antônio Pres-tes, diz **casou co'azeitona**, significan-do o bebedor.

**Bacalhau:** azorrague de couro. Mu-lher magra. «Bacalhau de porta de venda».

**Badejo:** os peixes serranídeos são considerados entre os mais lindos da nossa ictiofauna. Belo, atraente, grande, volumoso. Festa badeja, frê-vo badejo, clube badejo. Nesse sen-tido a imagem viajou do sul para o norte. Os badejos nortistas são os serigados.

**Bago de jaca:** fácil, cômodo, acces-sível; sem personalidade, demasiado tímido; subserviente, submisso.

**Banana:** covarde, tolo, amaricado, sempre concordante. Banana-mole. Bananzola. Moraes já registara nes-sa acepção. Gesto obsceno, de suges-tão fálica; pôr a mão ou o antebra-ço no sangradouro do outro, oscilando êste com a mão fechada. **Dar bananas.** «Adeus de mão fechada». Com o no-me de **banana** é recriação brasileira. Veio de Portugal onde o denominam **as armas de São Francisco, manguito, mangarito.** Herman Urtel não mencio-nou o sinônimo brasileiro quando es-tudou o gesto em Portugal. Comum na Espanha, Itália, França, **très vul-gaire et obscène,** escreve A. Mitton aludindo sua **signification ithyphalli-que.** Membro viril.

**Batata:** acertado, justo, eficiente. **Foi ou é na batata.** No alvo, **Morder a batata** é beber cachaça.

**Beba água:** resigne-se, console-se, acomode-se.

**Beber jurema:** feitiçaria, catimbó, macumba. Praticar, exercer, fazer fei-tiços.

**Bocado:** sinônimo de subsistência, alimentação diária. «Preciso ganhar o meu bocado». «Não posso perder o bo-cado de minha família». Prato. Pi-rões.

**Bife:** o inglês, comedor de beef.

**Biscoitar:** surrupiar, apropriar-se astuciosamente, com esperteza mas

indevidamente. Sugestão do biscoito, fácil de conduzir e consumir. Abis-coitar.

**Bode:** farnel de caçador e de tra-balhador ferroviário ou rodoviário.

**Bofe:** velha meretriz. Mulher gor-da, feia, avelhantada, ainda desejosa.

**Bom-estômago:** tolerante em exces-so, resignado, bonachão. Engole-tudo.

**Bredo:** namoro, derriço.

**Bromar:** estragar-se, transformar-se inferiormente. Piorar em vez de me-lhorar, degenerar, involuir. «Ia ser um rapaz culto mas bromou». Estado do açúcar que não atinge a cristalização, dando apenas qualidade inferior, o mascavado. Diz-se que o açúcar bro-mou.

**Bucho:** o mesmo que **Bofe.** Edison Carneiro informa na Bahia: «Buchei-ro, homem que tem predileção por mulheres feias. Buchada, grupo de mulheres feias».

**Cachaça:** vício, mania, hábito, predi-leção. **A cachaça dêle é a política.**

**Café-pequeno:** facilidade, proveito imediato, sucesso obtido sem custo. «Foi café-pequeno».

**Cana-de-açúcar descascada:** pedaço de cana descascado, sorte inesperada, ensejo favorável, favor espontâneo. «Ia à pé mas peguei uma carona num automóvel, pedaço de cana descasca-da».

**Canja:** idêntico ao **café pequeno.** Êxito sem custo. **Ê ou foi canja.** «Na canja», vida boa.

**Carne-sêca:** passadismo; costumes antiquados; avarice, economia exage-rada; velho ranzinza, teimoso.

**Catolés:** seios de adolescente. «Anda mostrando os catolés na rua».

**Cebola:** interjeições de protesto, ne-gativa ou desdém: **Cebolas! Cebolinha! Cebolório!** Velhos relógios de bôlso, de prata maciça, dos antigos modelos. **Cebolão,** relógio maior, de algibeira. No elemento feminino, as sexualmen-te exaltadas, de fácil excitação amo-rosa, são acusadas de ter a **cebola quente.**

**Chá:** gôsto, requinte, retoque essen-cial, característica mais apreciada. «O chá é mandar chumbar um dente a ouro e pôr uma coroa na frente»; Cornélio Pires. «Aí é que está o chá!».



(J.M. Cardoso de Oliveira). No interior de São Paulo servir de chá é ser objeto de zombaria. Não dar um chá, não ter importância, pouca vantagem, sem resistência, desvalorizado. Não tomar chá em criança, não ter modos, educação, maneiras.

**Cocada:** bofetão, tapa, cocorote, murro na cabeça ou na face. Derriço, faceirice, prosa fiada, elogio fácil. Ferida na cabeça. **Fazer cocada**, chamego, libidinagem, namôro grudado. Na Bahia, correio entre namorados ou amantes.

**Coirana:** courana, coerana, *Cestum leviegatum*, Schl, uma solanácea, extremamente amarga e picante. «A coerana, já esteve muito em voga, quando o seu nome significava o mesmo que atualmente quer dizer a palavra **roedeira**, isto é: ciúmes, ciumadas, amôres contrariados, pretensões não cabíveis entre namorados, despeito, etc», escreve Getúlio César:

Se coerana se vendesse,  
Uma fôlha era um tostão;  
Eu bem sei quem tá roendo  
Mas, não dá demonstração.

«Roer coirana» é estar ciumado. Altera-se para courama, «roer courama», «roer um couro», na mesma intenção.

**Colher:** facilidade imediata, vantagem obtida sem demora. Foi ou é de colher.

**Comer:** supor, presumir, julgar. «Eu o comia por médico e era um charlatão». Explica-se o estado psicológico ou a situação social pela espécie alimentar. **Comendo pimentas**, furioso, decepcionado, cheio de ira. **Comendo areia**, desempregado, faminto, azarado. **Comendo barata**, enfrentando dificuldades, fatos desagradáveis. **Comendo fogo**, ambiente hostil, áspero, antipático. **Comendo água**, embriagando-se. **Comendo prego**, na batalha pela manutenção. **Comer rama**, embebedar-se. **Comer verbena**, beber cachaça. **Comer pedras**, comer queijo de brisa, sem meios de subsistência. **Come-longe**, indivíduo pálido, macerado, hipotímico. **Comer insosso**, amarguras diárias, sucessivas. **Comer com a testa**, não conseguir, falhar o plano e vê-lo realizado por outrem. **Comer couro**, ser surrado, sovado. **Comer calado**, pacientemente. **Comer safado**, contrarie-

dades, contratempos. **Comer brisa**, passar fome, não querer comer. **Comer da banda pôdre**, adversidades. **Comer brocha**, o mesmo que comendo pregos. **Comer**, copular. A fecundação por via oral é uma tradição mitológica mantida nas versões populares a menção de ervas e frutos que engravidam. **Comer gerumba**, suportar trabalhos pesados curtir desapontamentos, forçado pelas conveniências, ou pela necessidade, e análogos estados d'alma. **Comendo corda**, acreditando em mentiras. **Comeu junça**, sexualmente forte. A junça, *Cyperus esculentus*, Linneu, dizem ser tônico afrodisíaco, nos tubérculos terminais das raízes. **Comer salgado**, enfrentar situação dificultosa, precariedades.

**Confeito:** decoração açucarada nos bolos de festa. Remate, coroação, para findar. «Para confeito da questão, não me pagou!»

Para confeito da obra  
Uma viola na mão.

**Cuscus:** seios flácidos, disfarçados sob a blusa.

**Dendê:** coisa gostosa, apreciável, pitêu, excelente. «Fêz ontem o seu dendê em frente a nossa tenda de trabalho o velho maracatu PORTO RICO», noticiava no Recife o jornal Pernambuco, nº 104, 1914. Dificuldade, impedimento, obstáculo; aí é que está o dendê!

**Derrama-môlho:** pequena barcaça, estreita ou de bôca diminuta.

**Empada:** preguiçoso, lerdo, poltrão, negligente. Visita inoportuna.

**Farinha:** abundância, fartura, quantidade. **Gente como farinha.**

**Farofa:** vaidade, presunção, gabolice, mentiras, ostentação falsa. **Farofeiro.**

Por fora muita farofa,  
Por dentro mulambo só.

**Feijão:** comida diária, o trivial, o passadio comum. «Fui serrar os feijões de papai». **Feijão-todo-dia**, o ritmo cotidiano, inalterável. **Feijão-com-côco**, festa suspeita, confusa, convidados desiguais.

**Filé:** môça nova, sadia, atraente. Rapaz afeminado.

**Fruta:** aguardente; gostar da fruta, cachaceiro. **Fruta verde,** mocinha; jovem namorada curiosa de agrados. **Fruta nova,** pessoa estranha, estrangeiro. Meretriz recém-chegada. Aplicada ao indivíduo estranho era corrente em Portugal, na primeira metade do século XVI. No **Auto da Ave-Maria**, Antônio Prestes escreveu:

D'onde vem a fruta nova  
não n'a vi senão agora.

**Furrundum:** doce de cidra ralada, com rapadura ou açúcar mascavo. Entre os caipiras de São Paulo e fronteiras de Minas Gerais é também discussão, barulho, briga.

**Galinha:** covarde, moleirão, assustado. Pederasta. Mulher lasciva e fácil. **Galinha morta,** incapaz de reação. Inerte. Abúlico. **Comendo galinha,** mulher de resguardo, parturiente.

**Galinho:** a mais alta galeria nos teatros, também denominada **Poleiro e Paraíso**. **Poulailler, Paradis,** em França, origem do nome no Brasil. «Quem faz opinião no teatro é o **galinho**».

**Galo:** brigão, provocador, arruaceiro. Mulherengo, bordeleiro. Ter grande potência sexual. **Comendo um galo,** apressado, inquieto, atarefado, ansioso. Um «galo» na testa, hematoma. **Salgar o galo,** bebida matinal. **Cabeça de galo,** ovos cozidos com pirão. **Cocktail. Rabo de galo,** cachaça e vinho.

**Ganço:** bebedeira, pileque, carraspana. Viver no ganço. Está de ganço. Gancista. **Deu a gança,** zangar-se, debaterar, irar-se dizendo desaforos.

**Garapa:** solução fácil; banalidade, vulgaridade. **Foi aquela garapa. Engarapar,** enganar, iludir, persuadir convencer. Moraes registou no seu dicionário; «Engarapar, v.at. Dar garapa § fig. Fazer a boca doce a alguém, para o reduzir à aquilo que queremos». Antônio de Moraes Silva foi senhor de engenho em Pernambuco.

**Goiaba:** proveito. Ganho desonesto. **Comendo goiaba,** outrora vida de cafeten e presentemente receptor de contrabandos. **Olho da goiaba,** ânus. Na gíria dos ciganos em São Paulo, Minas Gerais, pelo sul do país, **morder na guaiába** é fazer negócio, entrar em acôrdo de compra, permuta ou venda.

**Goiabada:** solução imprevista; transação mais rendosa e fácil que se pensava. «Que tal o negócio? **Goiabada, amigo!**» **Na goiabada,** tratamento carinhoso, abundante, sem previsão da finalidade. «Está na goiabada, vamos ver o que sai».

**Goma:** contar vantagem, auto-elogio, alardear importância. Mentira, exagero, filáucia. **Vive contando uma goma danada!** Tumor no periósteo, **exostoses molles.** «Engomado», **nas gomas,** elegante, caprichoso na indumentária. «Gomeiro», pábulo.

**Guabiraba:** «é um adjetivo que significa zangado ou irritado». Estar **nas guabirabas,** desconfiado. É uma mirtácea comum a todo território nacional, fruta e doce.

**Grude:** bôlo de goma de mandioca, açúcar, leite de côco. Os grudes de Estremoz eram os mais famosos do Rio Grande do Norte. Goma líquida para colar couro, papel, fazenda. **Bri-ga, barulheira, altercação, rezinga.** **Namôro agarrado.**

**Jaca, jaqueira:** negócio sem embaraço, pronto, rápido, lucrativo. **Jaca, chapéu alto. Jaca mole,** molenga, aparvalhado, imbecil. «Conseguiu o emprêgo? Foi jaqueira!»

**Jenipapo:** mancha azul-negra nos glúteos ou na cintura, **mancha mongólica,** tida como indicativa de mestiçagem. «Fidalgo de jenipapo», ironizavam com os mulatos ricos no tempo do Império.

**Jerimum:** o mesmo que **melancia** na linguagem popular.

**Limão:** temperamento azêdo, constante mau-humor, zangadão irritante. Falhando o plano, errado o cálculo, **deu limão.** Pormenor característico, vivacidade comunicante, simpatia envolvente, não existindo, dizem **faltar limão.** «Limão de cheiro», mocinha airosa, agradável, simples. No **Auto dos Cantarinhos,** meados do século XVI, Antônio Prestes cita o **limão de gentileza,** como elogio a uma namorada em Lisboa.

**Linguíça:** homem magro, comprido, desajeitado. **Encher linguíça,** ocupar o tempo com banalidades; discurso sem assunto digno de audição; palavrorio; chantagem verbal.



**Macaxeira:** braços alvos e roliços. Perna branca. Na Bahia, anota Hildegardes Vianna, **descascar aipim** é desnudar perna branca. Aipim é macaxeira. Membro viril. **Nas macaxeiras** é vida folgada, o rato dentro do queijo.

Minha gente venha ver  
A vidinha do preá;  
Metido nas macaxeiras,  
Comendo sem trabalhar.

**Maduro:** todo objeto em situação propícia. Bom ensejo. **No ponto.** «O negócio está maduro e se não aproveitar apodrece». Idade madura. Maturidade. «Já estou maduro para as frutas verdes». Jinjibirra.

**Malassada:** carne mal-assada. à inglesa, ligeiramente passada. Frigideira ou fritada improvisada. **Demi-vierge.** «Donzela de candieiro»; **quae virgo putatur impudica vero est.** Nesse sentido «malassada» é a **donzela fiambre**, dos séculos XVII e XVIII, não empregada verbalmente no Brasil na mesma vulgarização da Espanha e Portugal.

**Mamata:** rendimentos abundantes sem trabalho; função vantajosa sem esforço; fortuna tranquila. Mamaveiro. Marmionda. Melgueira.

**Mangaba:** É u'a mangaba!... Essa expressão exclamativa é aplicada a uma fruta gostosa; a um alimento qualquer de sabor esquisito e agradável; a um objeto que exprima superioridade». **Cheirando a mangaba**, bêbado.

**Mangabinha:** namorada ardente, excitadora, provocando luxúria.

**Manga-verde:** negócio prematuro; aviso ou promessa inoportuna; intromissão indébita. Compromisso incumprível.

**Manjuba:** é a mesma pititinga, **Menidia brasiliensis**, a sardinha nacional. Genérico de alimentação, comida, passado. Manjubar, comer. Intercorrência de **manjar**. Dinheiro ilícito, lucro vergonhoso; gorjeta; **molhar a mão**; pepineira, mamata. Pititinga denominada povoação praeira ao norte de Natal.

**Manteiga:** melindroso, molenga, cheio de dengues, susceptibilidades,

agastando-se por tudo. Manteiguinha, namorada «derretida».

**Marmelada:** negócio excuso, tratantada, desonestidade proveitosa. Malandragem.

**Melaço:** mel-de-furo exportado do Brasil para Portugal onde lhe davam esse nome. Por extensão, o mesmo que **garapa**. «A festa começou muito bem mas acabou que era **um melaço**». Namôro quente. **Está num melaço daqueles...** «Nobreza do melaço», diziam no Rio de Janeiro da aristocracia rural fluminense. «Barão-do-mel-de-furo», zombavam em Pernambuco dos senhores de engenho feitos barões do Império.

**Meladura:** gorjeta. Ganho demasiado. **Tirar meladura**, aproveitar-se. «Comigo ninguém tira meladura». É a quantidade de caldo de cana comportável na caldeira, na fabricação do açúcar.

**Melancia:** seios volumosos. Mulher gordalhona, pesada, lenta.

**Melões:** despesas, gastos diários. «Preciso arranjar com que comprar os melões».

**Mingau:** pessoa sem energia, inútil, molenga; covarde, assustada; choro fácil, incontido, sem motivo. **Comendo mingau**, ajudado pela amante. Caruchué. Mantido sem despesas pessoais. Parasitando.

**Mólho:** **de mólho**, em observação, na espera; sem confiança; em prova.

**Moqueca:** **estar de moqueca**, encolhido; arredado. Adoentado. Fora da circulação.

**Ova:** negativa peremptória. **Uma ova!** De modo algum! Não e não!

**Óvo:** coisa repleta, cheia, completa. **A sala ficou um óvo.** A princesa D. Isabel Maria, Regente do Reino, 1826/1828, dizia: **Portugal é um óvo, pequenino mas cheio!**

**Paçoca:** misturada, confusão de coisas amarfanhadas, fitas, rendas, panos revolvidos. «Sêco na paçoca», destemido, forte, resistente; interior de São Paulo.

**Paio:** pagador crédulo, bonachão, mão-rôta, o «coronel». **Pague o paio e bata o bombo!**

**Pamonha:** desprovido de iniciativa, parvalhão, submisso, lerdo, pesadão.

Pamonhice no Maranhão. Escrevendo em outubro de 1835, o português João Loureiro informava do Rio de Janeiro para Lisboa: «Este Império dá cuidado pelo estado convulso do Norte, e Sul, e pelas dezarmônias pessoas, e intrigas do centro; mas tudo segue com esperanças no Novo Regente, que não he Pamonha (advinhe o significado desta palavra) e he homem de mãos limpas, e de Constancia». O Nôvo Regente era o padre Diogo Feijó.

**Panelinha:** minoria influente, unida, decisiva, dominadora.

**Panqueca:** o frito de ovos, manteiga, açúcar e canela, denomina quem viva sossegado, sem cuidados e preocupações. **Está na pancueca.** «Vadiação regalada, boa vida», anota Amadeu Amaral.

**Papa-angu:** homem ridículo, sem compostura, tôle. Papangu era o farricôco, mascarado que afastava à chicote os curiosos atrapalhadores na procissão de Cinzas no Recife, Olinda, e noutras cidades nordestinas. No Recife desapareceu à volta de 1831 mas em Natal veio até depois de 1870. Pessoa grotesca pelas feições ou traje. Houve no Recife, 1846, um jornalzinho com êsse nome, **O Papa-Angu.**

**Papa-arroz:** o natural do Maranhão.

**Papa-goiaba:** o fluminense, natural da província do Rio de Janeiro.

**Papa-jerimum:** o natural do Rio Grande do Norte.

**Papa-mamão:** o natural de Olinda.

**Papo:** arrogante, ameaçador, mandão. Falar de **papo grosso** ou de **papo cheio.** «Garganta». Falastrão. **Está no papo,** coisa resolvida, possuída, questão liquidada.

**Pão-pão, queijo-queijo:** razões últimas e lógicas. Referência ao farnel suficiente para trabalho e jornada em Portugal: «Queijo e pão é refeição!»; «De pão e queijo não deixes sobejo». Equivalência e satisfação irrecorríveis. Elas por elas.

**Pão-com-dois-pedaços:** máximo proveito; facilidade absoluta; êxito.

**Pão-doido:** amalucado; leviano, inconseqüente; recadeiro de políticos e de namorados, sem descanso na ta-

refa inquietante. Pão-doido é o que retiram o miolo para assar.

**Pão-dormido:** pobre em roda de ricos. «Come pão dormido e arrota galinha». Passar altivamente com os próprios recursos. **Pão dormido mas não quero o seu peru.** O senador Nilo Peçanha dizia ter sido criado com **paçoca e pão dormido.**

**Pão-duro:** avarento, cauíra, usurário. Defensor de costumes mortos. Modêlo do mau-gôsto antigo. Mendi-go rico.

**Papinha:** negócio vantajoso sem muita labuta; namôro farto; recompensa sem merecimento. **Estar ou viver nas papinhas,** tratado esplêndidamente e sem retribuição. **Papinha e de colher,** fartura e agrado.

**Pastel de nata:** «Conhecer a fôrça dos pastéis de Nata», reconhecer e respeitar o poderio ou prestígio de alguém. Frase colhida no Recife por Pereira da Costa nos primeiros anos do presente século. O caipira paulista, significando castigo, sofrer lição pesada, diz: «Conhecer o rigor da mandaçaia». A mandaçaia, **Melipona anthioides,** Lep, é uma abelha produzindo mel delicioso e ferrojando dolorosamente.

**Pato:** o pagante, a vítima, crédulo, imbecil, pacóvio. O **otário.** Pedaco de charque correspondendo à omoplata.

**Peixão:** mulher bonita, de formas opulentas. Pancadão.

**Peixe:** **Pegar peixe,** cochilar. «É peixe de fulano», ser o favorito.

**Peixe caro:** visita rara, ausência nas festas, recusa de convites. **Vender o peixe** é valorizar a causa própria, argumentando com veemência. «Vender o peixe caro» é apreçar demasiado o merecimento.

**Peixe fresco:** prostituta nova. Estreante político ou literário. Primeiros namoros. Debutante.

**Peixe podre:** sem valia, sem significação, desprezível. Refugio, destroço humano.

**Peixinho:** o preferido, o mimado, o favorito. O mesmo que «peixe».

**Pepineira:** negociata, tramoia venturosa com abundantes resultados. Clima propício para determinada produção. O pepinal, **pepinière,** deu em

**França** a mesma intenção satírica, de onde, possivelmente, a tivemos. Pândega, patuscada, esbórnica. Pechincha. Compra barata.

**Pepino**: temperamento, gênio, propensão, tendência. «De pequenino é que se torce o pepino». Em França é ter paixão, amor ardente; **avoir un pépin pour quelqu'un**. Membro viril.

**Peru**: assistente impertinente, indesejável, obstinado. «Peru calado ganha um cruzado». Aperuar, acompanhar jôgo ou acontecimento social sem participação responsável. Namorado, porque **sabe fazer roda**. Ostentação, pompa incabida, exibicionismo. Apaixonado teimoso na perseguição.

**Piaba**: pequena quantia, coisa de pouca importância. Na **piaba**, penúria. **Piabando** vivendo com recursos limitados. **Piabelro**, pescador indolente.

**Pinhões**: exclamativa de repulsa, protesto, desagrado: **Ora, pinhões!** Correspondente ao português: **E péras!** Sabe o que mais? **Pinhões!**

**Pipocas**: exclamação de desabafo, **ora pipocas!** Ora, sêbo!

**Pirão**: genérico de alimentos. **Ganhar pros pirões! Vou aos pirões!** Mulher. Ao distraído, insistentemente provocado, dizia-se no Recife de 1924: **Pega o pirão, esmorecido!**

**Pitomba**: pancada, pedrada, cocre, tiro, na cabeça. **Levou uma pitomba no quengo**. Exclamativa: **Ora, pitombas!** «Pequenos pedaços de carne do Ceará, charque, quase que perdido provindos dos que se cortam por imprestáveis, ou para perfazer as pesadas»; Pereira da Costa.

**Ponto de bala**: Não se alude ao projétil de arma de fogo mas simplesmente ao **ponto** em que a calda do açúcar refinado, com essência de fruta, atinja à densidade indispensável para o esfriamento e feitura de **balas**, bolas, rebuçados, vendidos em cartuchos de papel.

**Prato**: genérico de alimentação, subsistência. **Só ganha pró prato**.

**Puba**: estar na puba, isto é, estar no trinque, estar muito bem vestido e ataviado, informa Amadeu Amaral. Casquilhice, faceirice no trajar, segundo Valdomiro Silveira.

**Puxa-puxa**: recadeiro, serviçal, fâmulos espontâneos nas intrigas ou correspondências de amor. **Leva-e-trás**. **Namôro**, para o caipira paulista.

**Queijo**: corpo feminino, as partes mais volumosas. **Comer queijo** é acalcanhar o calçado. Quem come muito queijo fica sem memória. No século XVII, 1665, D. Francisco Manoel de Melo versejava:

Sempre ouvi por regra aceita  
De Galeno que aja gloria  
Que tira o queijo a memoria  
A toda gente direita.

«Comendo queijo de brisa», curtindo fome. «Foi queijo», valeu a pena. Facilidade.

**Quitanda**: biscoitos, bôlo ou qualquer doce de forno, e também saúde, posição social, para o interior de São Paulo.

**Rapadura**: «lamber a rapadura detrás dum pau», esperar indefinidamente pelo inimigo para matá-lo (Nordeste). «Entregar a rapadura», desistir de alguma empresa ou plano (São Paulo).

**Roer**: ter ciúmes. Roedeira, roendo, ciúmes, despeito amoroso.

**Rôscas**: face, mais vulgarmente, o nariz. «Disse-lhe as verdades **nas rôscas da venta**». Marido passeando ou dançando com a esposa é **pão com rôscas**.

**Sal**: graça, espírito, talento. «Bom de sal», temperado. «Sal e pimenta», cabelo grisalho.

**Siri**: o rapaz que conduzia o lampião ou facho iluminando a marcha dos figurantes do Bumba-Meu-Boi (Natal, RN).

**Sopa**: coisa, negócios, conquista amorosa, sem custo e prontamente. **É sopa! Foi uma sopa!** «Sopa no mel», o cúmulo do êxito.

**Suco**: essência, o principal, o superior, a excelência. **É o suco!**

**Sururu**: o saboroso molusco. *Mytilus alagoensis*, J. Lima, ou *Mytilus mundahuensis*, E.D., significa barulho, confusão, balbúrdia, alteração da ordem. Há em São Luís do Maranhão uma festa de estudantes com essa denominação. Clitóris.

**Taioba:** nádegas. Negócio inconfessável mas vantajoso. «Roendo taioba sem ninguém saber».

**Tareco:** biscoito de farinha de trigo, ovos, açúcar, de forma discoide, pequenino e duro. Miudezas caseiras, bugigangas e bagatelas domésticas, pequeninos objetos, misturados, confusos. Cacarecos.

**Tereré:** é a infusão da erva-mate (*Ilex paraguayensis*, St.Hil.) n'água fria, sul do Mato Grosso e Paraguai, ao contrário do chimarrão que é feito com água quente, tradicional no Rio Grande do Sul e províncias vizinhas. O tereré não determina o mesmo efeito no plano da convivência que o semi-alimento gaúcho. Daí as frases alusivas: **Tereré não resolve, deixe de tereré, isto é tereré**, valendo circunlóquio, inutilidade verbal, paliativo. A frase divulgou-se, depois de 1930, por todo o Brasil.

**Tomates:** testículos. Exclamação: **Uns tomates!**

**Uva:** beleza, sabor, suficiência para ser cobiçada; completa. **É uma uva!** Já era empregada em Portugal no século XVI.

**Vinagre:** usurários, agiotas, emprestando dinheiro a juros altos, executando as penhoras sem piedade. **Vinagrada, vinagreira, ação do vinagre**, eram aplicados no mesmo sentido, notadamente no Recife em princípios do século XX onde Pereira da Costa os registrou.

**Xaréu:** o peixe **Caranx hippos** no vocabulário nordestino valia mentira, imaginação. Todos afirmavam ter ceado xaréu quando a comida fôra outra bem diversa. **Comi cação, arrotei xaréu**. Ficou o delicioso carangídeo valendo pêtas e lorotas. Os nascidos na «Cidade Alta», em Natal, têm o apelido de xarias, comedores de xaréus. Os da «Cidade Baixa», a Ribeira, são os canguleiros, apreciadores do cangulo. **Pegou xaréu, mentir**.

Δ

Os utensílios da cozinha, o desenvolvimento da técnica culinária, preparo dos adubos, carnes, peixes, crustáceos, moluscos, aves de capoeira, peças de caça, possuem exigências tra-

dicionais, respeitos, critérios que devem ser mantidos para o melhor resultado.

O próprio combustível, lenha ou carvão, é motivo supersticioso, sendo escolhido, aceso, extinto, com certas precauções adequadas.

O persignar-se, fazer o  **sinal da cruz**, ocorria freqüentemente como fórmula propiciatória nas velhas cozinheiras, afastando a **tentação do demônio** vir estragar os alimentos em elaboração. **Tentação** não é a sedução diabólica mas o ato da intervenção malévola de Santanás, provocando a raiva, o desabafo blasfêmico, o pecado da ira.

O fogo mantém seu milenar prestígio sagrado. Deve ser respeitado. Não se apaga o lume com água. Acende-se pelas extremidades e não pelo meio. Não se revolve o braseiro com instrumento metálico, já proibido no tempo de Hesíodo. Não se cospe e nem se urina no fogo. Fica-se tuberculoso e seca as urinas. Quem joga cabelo no fogo, endoidece. Não se pisa a brasa para extingui-la. Varre-se para um canto, deixando-a apagar. A comida demorando a cozer ou assar, vira-se os tições de fogo, de baixo para cima. Não se pragueja acendendo o lume. O Diabo vem ajudar. Não se faz a comida **descomposto**, com pouca roupa, semidesnudo.

As panelas, frigideiras, caçarolas, têm personalidade distinta. Certos alimentos só podem ser feitos em determinadas vasilhas. Mudando, não dão certo. Quando uma panela queima a comida várias vezes, **avesa-se**, habitua-se, vicia-se. O remédio é pô-la à parte por imprestável. Só deve mexer uma pessoa senão **desgosta**, tira o sabor do acepipe. Mexe-se da direita para a esquerda, primeiro. Depois, às avessas. Não se deixe a colher dentro da panela nem descansando no bordo para não **atrasar**. Não se remexe comida com faca porque **faz mal**. Não se prova mais de três vezes porque faz o piteu ficar **aguado**, insôso, insípido. Prova-se jogando a **prova** na bôca e não servindo no garfo ou na colher. **Destempera**. O caldo custando a engrossar, balança-se a panela três vezes. Não se bate com a colher na panela de arroz ou de canjica porque

queimará inevitavelmente. Comida demorando muito, joga-se sal no fogo ou vira-se os tições ao contrário. Tudo andaré depressa. Quando se espreme limão na comida evita-se deixar cair os caroços porque, ficando, **dão azar**. Pisar, inadvertidamente, com os pés, carvão, pimenta do Reino, hortaliça verde, provoca barulho em casa. O contra-feitiço é jogar no chão três pitadas de sal. Inchar as bochechas quando o arroz ferver, fa-lo-á crescer. Não se contam os pedaços da comida na panela porque não darão rendimento, mingum. A limitação pela contagem é um antiquíssimo tabu asiático que passou à Europa.

Fogo feito com papel queimado **não segura o gôsto** dos quitutes. Quando se faz na Bahia **comida de azeite** tira-se sempre um pouquinho e joga-se no matinho verde para os «meninos», Cosme e Damião. Pedaco de cortiça ou grãos de milho séco, na panela, fazem amolecer a carne dura. Para os grandes assados ficarem **no ponto**, a cozinheira benze-se quando os enfor-na. Chamando pelo Diabo a fôrça da comida fica para êle. Deve-se sempre lavar as duas mãos e nunca uma só. Agouro. Quando os tições começam a **pipocar**, esturrando, atira-se um dente de alho dentro do fogo. É o Diabo

bufando e o alho o afugenta. Quando a fervura demora muito para **abrir**, muda-se a posição da panela e da tampa. As mulheres grávidas ou menstruadas sofrem restrições quando cozinham. A mulher **de lua** não bate ovos, não mexe canjica, não tempera galinha, não assa porco. Se fôr assar bôlo, êste queima de um lado. **Perde a mão**, durante o catamênio. A grávida ajuda a crescer a massa de bôlos, arroz, cozinhos com verdura, mas não deve assar coisa nenhuma. Reseca ou incha, sem tomar tempêro. não faz linguíça porque apodrece. Não **enche** peru nem recheia galinha. Não **trata** de peixe grande nem esmaga pimentas. Não faz sarrabulho nem panelada para não abortar. Não prova comida adubada porque não tem paladar certo, equilibrado, justo.

Cozinheira que faz rumor, batendo as panelas e frigideiras, está **catucando o Demônio**. Deixando cair a primeira vasilha que pegar pela manhã **atrasa** o dia todo. Queimando-se muitas vêzes no mesmo dia deve rezar pelas Almas do Purgatório. Se queimar a língua, alguém da família está com fome.

**Cozinheira zangada,  
Comida queimada!**

## Summary

Professor Luis da Câmara Cascudo (University of Rio Grande do Norte) lists in this article nouns and adjectives which, besides being normally employed to designate food (dishes, drinks, sauces, fruits, etc), are also used in the popular language in one or more wholly different senses, to depict people and social situations.

## Résumé

Le professeur Luis da Câmara Cascudo (Université de Rio Grande do Norte) nous donne ici une liste de noms et adjectifs qui, normalement employés pour désigner de la nourriture (plats, boissons, sauces, fruits, etc), sont usés aussi dans le langage populaire à un ou plusieurs sens complètement divers, pour décrire des gens et des situations sociales.